

SEÇÃO DE LIVROS



Condensação do livro "As the Night the Day",

a ser publicado brevemente

MARY COBURN

Enquanto Mamãe Cantava

No princípio do século era não só difícil, mas também suspeito uma jovem de boa família ganhar a vida no teatro. Mas quando Mary Davis Coburn ficou viúva, aos 28 anos, com duas filhas pequenas para sustentar, não teve outra escolha. Seus dons naturais —beleza, uma grande voz e coragem indomável—conduziram-na ao palco. Embora sua personalidade fôsse invulgar e destoasse um pouco naquele ambiente, ela alcançou afinal uma vitória retumbante. Sua vida, contada por sua filha, é um vívido documentário da época, de raro colorido, delicadeza e ternura.

MAMÃE chegou a Paris em 1906, quase sem dinheiro. Por uma questão sentimental e talvez como seguro contra a penúria, ela conservava ainda o relógio cravejado de brilhantes que papai lhe dera. Fora isso, tinha apenas 15 dólares em dinheiro, uma promessa de cantar em dois concertos, feita por um empresário que a ouvira cantar a bordo, e uma convicção inabalável de que tudo daria certo para nós. Sua primeira providência foi pedir conselho ao cônsul americano, para quem levava uma carta de apresentação. O cônsul era um homem môço, que levava tudo a sério, e ficou visivelmente apavorado quando soube que ela tinha ido para a França

com duas crianças de 8 e 11 anos para sustentar. Mas foi prestativo e indicou uma modesta pensão onde poderíamos viver.

A dona da pensão era Madame Poulin—gorda, de olhos e cabelos escuros, bastante bonita quando sorria, mas fora disso bem feia. Mostrou-nos no segundo andar um imenso quarto de teto alto, com dois pesados armários, alguns móveis Luís XIV patinados e até uma enorme cama com docel. Mamãe ficou encantada. Era a única cantora na casa, mas Madame Poulin afirmou com orgulho que havia outros artistas; e, interceptando-os na escada, apresentou-nos a dois pintores magríssimos, que moravam no último andar, com cinco lanços de escada para subir.

Na manhã seguinte fomos despertadas pelo troar de rodas nas pedras da rua. Lucile e eu corremos para a janela e ficamos olhando os vendedores vestidos de prêto, que empurravam seus carros de frutas e flôres para o grande mercado de Les Halles. Depois da nossa primeira refeição francesa, constante de chocolate quente e *croissants*, mamãe saiu para os seus afazeres com esfuziante bom-humor.

Por qualquer critério racional sua situação era desesperadora. As aulas que projetara tomar estavam fora de cogitação; o problema era exclusivamente ganhar a vida. Mas, contra qualquer lógica, ela nunca teve a menor dúvida de que faria os estudos de canto para os quais fôra à França.

Os Anos Felizes

MAMÃE sempre fôra uma rebelde e assim continuaria o resto de sua vida. Fugiu para casar-se com meu pai, enfrentando a desaprovação das duas famílias. O pai dela, Samuel Taylor Davis, era um irlandês muito alto, de barba ruiva e convicções inflamadas. Era ministro da Primeira Igreja Presbiteriana de Dênver, e de um sectarismo tão estreito que hoje seria inconcebível. Embora deva ter sido um alívio para êle livrar-se de Mary Ann (minha mãe), sem dúvida a filha que lhe dava mais trabalho, êle deplorava o casamento com o jovem banqueiro Robert Hewitt Coburn porque êste não era presbiteriano e portanto não

estava entre os que seriam salvos.

A mãe de meu pai, uma viúva rica e decidida, mostrava iguais reservas. Quase tôda a família Coburn vivia em Nova York, pertencia à Igreja Episcopal e tinha orgulho de seu nome e de sua estirpe. Inclinavam-se a considerar Dênver com superioridade e não podiam tolerar que meu pai escolhesse uma môça desconhecida do Colorado, por mais bonita que fôsse.

O casamento, porém, tinha uma grande vitalidade intrínseca, que não se deixava perturbar pela oposição. Meu pai adorou minha mãe desde que a viu. Ela era esbelta, de estatura mediana, e farta cabeleira acaju, que usava num penteado alto, acima do rosto pálido e bem conformado. De pura ascendência irlandesa, era fundamentalmente tímida, mas os seus grandes olhos azuis dançavam de alegria: caminhava com uma graça ativa e natural que atraía os homens. Durante tôda a sua vida os homens se sentiram atraídos por ela como môscas pelo mel. Meu pai nunca deixou de maravilhar-se com o encanto e a alegria de minha mãe.

O jovem casal instalou-se numa grande casa vitoriana em Dênver e formou uma família que, no fim, compreendia duas filhas, dois cavalos de corrida, uma arrumadeira sueca, uma cozinheira e um cocheiro-jardineiro. Súbitamente liberta da austeridade do presbitério, mamãe achou capítosa a independência do casamento, e ensinou meu pai, ho-

mem de temperamento grave, a rir para a vida. A casa estava sempre cheia de amigos; havia jantares, reuniões ao ar livre e freqüentes saraus musicais, em que minha mãe cantava. Ela tinha uma voz pura de soprano, cheia e bem modulada, que ia direto ao coração do ouvinte. Foram anos de felicidade.

Num dia de outubro meu pai voltou cedo do banco, queixando-se de dor de cabeça e de um apêto no peito. Naquela noite teve febre alta e a doença foi diagnosticada como pneumonia. Quatro dias depois morria. Ainda não tinha completado 27 anos de idade.

Uma Resolução Corajosa

DURANTE quase dois anos a vida continuou mais ou menos como de costume na grande casa vitoriana. Minha mãe estava furiosamente decidida a não deixar que nós, as duas crianças, sofrêssemos por causa da morte de papai. Para ajudar a sustentar-nos, ela se atirou à música, estudando, dando aulas, organizando recitais, cantando em tôdas as igrejas da cidade.

O rosto de mamãe tornou-se mais fino e mais marcado, a pele mais branca, os olhos maiores e mais luminosos. Para onde se voltasse, gente bem intencionada lhe acenava com possíveis maridos; afinal de contas, argumentavam, ela tinha duas filhas para criar e não fôra preparada para enfrentar o mundo sòzinha. O casamento era a única solução.

Cada dia que passava mamãe se

ressentia mais dêsses conselhos. Depois dos anos maravilhosos com meu pai, não podia suportar a idéia de um casamento sem amor. Quando afinal ficou patenteado que não haveria recursos suficientes para criarmos e educar-nos, começou a procurar um meio de nos sustentar.

Mamãe estudara numa universidade, mas nada do que lá aprendera rendia dinheiro. Cantar em igreja, em casamentos e funerais rendia muito pouco. Dar lições de canto era uma profissão precária, e seu preparo musical não era suficiente para lhe abrir as portas de outro setor musical mais rendoso.

A conclusão era inevitável. Seu maior bem era a voz, mas para usá-la ela teria de ir para Nova York estudar sèriamente. Contrariando a opinião de todos os amigos, vendeu a casa, os cavalos, a mobília e a biblioteca de meu pai. Sem olhar para trás, foi à estação da estrada de ferro e comprou três passagens para Nova York.

Êsse foi um momento decisivo em nossas vidas; numa decisão radical mamãe escolheu uma independência precária como cantora profissional numa época em que, de acôrdo com o rígido costume, o lugar da mulher era no lar.

A Viúva do Oeste

MEU AVÔ profetizara lamentáveis resultados para a iniciativa, e certamente ficaria aborrecido se visse a rapidez e a desenvoltura com que mamãe achou um apartamento na

cidade e nêle instalou uma cozinheira e uma ama para tomar conta de minha irmã, de cinco anos, e de mim, ainda com menos de três; depois saiu em busca de uma professôra de canto. E nisso teve uma sorte excepcional.

Entre suas cartas de apresentação havia uma para Hermann Klein, que acabava de voltar de Londres, onde alcançara grande êxito profissional e criara um método de ensino que pretendia introduzir nos Estados Unidos. Estava à procura de uma aluna com determinado tipo de voz, que encontrou no timbre claro e puro das notas altas de mamãe e na riqueza do seu registro médio. Com a voz flexível de minha mãe êle poderia fazer o que entendesse.

—Tenho uma nova aluna que é extraordinária—disse Klein à espôsa dias depois.—Quando toco uma escala de certa maneira e peço que ela a repita, ela põe a cabeça de lado, ouve com ar grave e diz: “Dessa eu gosto.” Depois canta com perfeição logo na primeira vez.

Desde o início mamãe tentou, na medida do possível, custear as despesas com o que ia ganhando. Auxiliada por Hermann Klein e a mulher, arranjava para cantar em reuniões musicais, festas e recepções, e a “jovem e exuberante viúva do Oeste” começou a gozar de certa popularidade.

Mamãe Encontra um Caminho

—COM MAIS 12 meses a senhora estará pronta para estrear em público

—disse Hermann Klein quando mamãe já estava em Nova York havia cêrca de um ano.

Ela se esforçava muito, encantada o tempo todo com o que fazia. Dava-se bem com as senhoras que organizavam reuniões musicais e começou a aparecer em programas com artistas de primeira grandeza. Uma vez cantou numa reunião em que a principal figura era Paderewski. Fêz muitos amigos novos, mas nenhum mais querido do que a família Klein, incluindo os dois irmãos de Hermann —Charles, dramaturgo, e Manuel, compositor—personalidades importantes no meio teatral de Nova York.

Eu e Lucile vivíamos na expectativa do momento em que, tôdas as noites, mamãe nos contava pequenos episódios do seu dia e cantava para nós antes de dormirmos. O problema de cuidar de nós nunca a deixava. Uma noite ela jantava com a família Charles Klein; quando a Sr.^a Klein lhe perguntou em que escola pretendia matricular Lucile. A pergunta perturbou mamãe, que ficou calada alguns instantes, e mesmo depois não respondeu diretamente.

—Estarei certa em tudo isto?—perguntou de repente.

—Em quê? Em estudar com Hermann?—disse a Sr.^a Klein, espantada.

—Não. Não é só isso. Mesmo que eu vença na carreira de concertista, estarei em condições de educar minhas filhas direito?

—Acho que estará—respondeu a Sr.^a Klein—mas acho que você não

devia assumir o encargo sòzinha.

—Eu não vou casar só para que alguém cuide de mim—respondeu mamãe bruscamente.

—Você não precisa casar—observou Charles Klein com doçura.—Alguém já está cuidando de você.

—Que quer dizer com isso?

—Quero dizer, Deus.

—Ora, Deus!

O tom de mamãe foi de desinteressê.

Charles Klein continuou:

—Deus é Espírito, Amor. Se você se voltar para Êle *compreensivamente*, Êle lhe mostrará como cuidar delas.

Dois dias depois mamãe resolveu pela primeira vez calcular as suas despesas nos 12 meses seguintes: apartamento, criadas, aulas. Em seguida foi ao banco verificar sua conta. Além de suas jóias e algumas ações de uma promissora emprêsa petrolífera, ela liquidará todos os seus possíveis recursos ao partir de Dênver. Descobriu então que as ações da emprêsa de petróleo não valiam nada e que ela dispunha apenas de 200 dólares em dinheiro.

Tomou um bonde para casa e fez a viagem agarrada à bolsa, apatetada com o choque. Na confusão de seu espírito, voltavam-lhe à mente as palavras de Charles Klein: “Deus proverá.” Sacudida pelos solavancos do bonde, começou a dirigir-se a Êle: “Meu Deus, tenho certeza que compreenderéis quanto preciso de Vosso auxílio.” E fechou os olhos, numa oração silenciosa.

O Comêço de uma Nova Carreira

No DIA seguinte mamãe despediu a cozinheira, deu um mês de aviso prévio à arrumadeira e empenhou dois de seus melhores anéis. Depois foi ao estúdio de Hermann Klein.

—Sr. Klein—disse simplesmente—acho que esta é a minha última aula. Não tenho mais dinheiro.

Klein enfureceu-se.

—A senhora acha que eu só ensino por dinheiro?—exclamou com impaciência.—Se dentro de mais um ano de esforço sério a senhora cantar como eu sei que é capaz de cantar, isso será pagamento suficiente.

—O senhor não está compreendendo. Eu não posso continuar.

Correu os olhos cheios de lágrimas pela sala a que estava acostumada.

—Não me resta quase nada, e tenho de cuidar de minhas filhas.

—Sim, as filhas, é claro. Começo a compreender. Mas isso é horrível.

Fechou o piano, e como sempre, em momentos de crise, foi chamar a mulher.

Quando voltou com ela, mostrou-se desinteressado do desespero de mamãe.

—Contei à Sr.^a Klein as suas dificuldades—disse êle despreocupadamente.—Agora vamos ver o que se pode fazer. A senhora é jovem e bonita. Tem uma voz excelente. Com um pouco mais de estudo, acho que será uma artista vitoriosa. Se mergulhar agora numa carreira profissional, estou convencido de que nunca chegará ao alto.



—Tenho uma idéia, Hermann— anunciou a Sr.^a Klein.—Manuel terá de dar a Mary um papel na sua nova opereta, *Mr. Pickwick*. Ela ganharia o suficiente para continuar as aulas com você.

Manuel, que visitava com frequência o casal Hermann Klein, encontrava-se naquele momento no andar de cima. A Sr.^a Klein foi buscá-lo imediatamente.

—Mas eu não posso dar um papel à Sr.^a Coburn nesta altura dos ensaios—gaguejou Manuel, arrastado pela Sr.^a Klein para o estúdio.—Vamos estreiar dentro de três semanas e os ensaios já estão adiantados.

—Dê-lhe o papel da professôra—sugeriu a Sr.^a Klein.—Você mesmo me disse que ia despedir a atriz que está com êsse papel e fazer testes para substituí-la.

—O senhor poderia ao menos deixar-me experimentar—apressou-se mamãe.—Não precisa nem dizer que me conhece. Dê-me apenas uma oportunidade igual às outras.

—A senhora já estêve nos bastidores de um teatro?—indagou Manuel.

Mamãe confessou que não.

—Ou cantou alguma canção popular?

—Não, mas...

—Eu poderia prepará-la—interrompeu Hermann.

—Mas, Hermann, a professôra é a primeira personagem importante a aparecer no palco. E se ela errar os versos, ou perder a calma?

—Não vai acontecer nada disso—garantiu Hermann.—Ela não tem medo de nada. Ou se tem, nunca o dará a perceber.

Abra uma conta de depósitos
assegurada por

ENTIDADE DO GOVÊRNO DOS E.U.A.

GANHE

4 $\frac{3}{4}$ % +

*juros anuais correntes pagos
ou capitalizados 4 vezes por ano*

ECONOMIZE PELO CORREIO

+ Juros pagos desde o dia do depósito se êste permanecer até o fim do trimestre

+ Os depósitos recebidos até o dia 10 de qualquer mês vencem juros desde o dia 1º

+ Agora aceitamos contas pelo correio de tôdas as partes do mundo

Tôdas as transferências têm de ser em dólares americanos

Tôdas as transações são estritamente confidenciais

Peça literatura descritiva grátis

Agradeceremos correspondência em Inglês

PRUDENTIAL

H. N. BERGER
Presidente

SAVINGS

AND LOAN ASSOCIATION

Recursos acima de
95 milhões de dólares

525 WEST LAS TUNAS DRIVE
SAN GABRIEL, CALIFORNIA, E.U.A.

Manuel concordou afinal em deixar que mamãe tentasse o papel. Mas avisou-a de que o primeiro ator, o grande DeWolf Hopper, interferiria na distribuição do elenco e fazia questão de que não houvesse principiantes na companhia. Se descobrisse a falta de experiência de mamãe, por melhor que ela cantasse, isso não adiantaria.

Na manhã seguinte, quando apareceu para a audição, mamãe sentiu-se desesperadamente deslocada, constrangida e certa de que todos adivinhariam o seu segredo. Era desanimadora a atitude confiante das outras candidatas, à medida que, uma a uma, iam sendo ouvidas; mas mamãe sentia um certo consôlo diante da mediocridade de suas vozes.

Mamãe foi a última a ser ouvida. Quando chegou a sua vez, subiu ao palco, esquecendo resolutamente a assustadora escuridão do auditório e o nó que lhe apertava a garganta.

Lá da frente, não soube bem de onde, a voz de Manuel Klein pediu delicadamente:

—Quer ter a gentileza de cantar o primeiro número?

O pianista tocou a introdução. Mamãe fechou os olhos por um instante e fêz nova invocação à sua coragem. Sua bela voz apoderou-se da canção, enchendo o teatro vazio.

Quando se dissiparam as últimas notas, alguém aplaudiu vigorosamente na escuridão e Manuel apareceu na passagem central com um homem alto, elegante, que mamãe

adivinhou ser DeWolf Hopper. Estava radiante, como Klein. Mamãe sabia que conseguiria o papel.

Conseguir o papel era uma coisa, conservá-lo durante três semanas de ensaios era outra muito diferente. Cada dia trazia as suas complexidades e provocações. Havia versos, indicações de cena e deixas a decorar; todo o vocabulário teatral a guardar; e, numa cena, até mesmo passos de dança a aprender. Entre uma coisa e outra ela corria ao estúdio de Klein para ser orientada, e depois ao apartamento para cuidar de Lucile e de mim.

Louise Gunning, companheira de camarim de minha mãe, notou imediatamente que ela era novata e deu-lhe tôdas as indicações profissionais possíveis. Sem o seu auxílio, mamãe nunca teria resistido aos ensaios. Hopper só soube da verdade três semanas depois da estréia do espetáculo.

—Se eu soubesse disso ela não teria nem pisado no palco—berrou êle quando Manuel Klein lhe confessou a situação de sua protegida.

Depois deu uma risadinha e acrescentou:

—Mas não há dúvida que ela tem coragem e classe.

Atriz Estável

PARA proteger-nos do estigma de têrmos mãe atriz, ela se apresentava com o seu nome de solteira, Mary Davis. No princípio ela própria se sentiu chocada com as maneiras livres e desenholtas da gente que tra-

Sua Oportunidade para Ganhar:

POSIÇÃO SOCIAL

Agora você poderá ter uma posição melhor na vida, através do aprimoramento dos seus conhecimentos e de novas informações que lhe serão dadas de forma clara, objetiva e atraente.

CULTURA

Literatura, música, pintura, política, história universal, etc., são assuntos sôbre os quais você estará apto a opinar graças ao moderno Método Prático de Desenvolvimento Cultural.

VIDA INTENSA

Qualquer que seja sua idade, sexo ou categoria social, você conquistará, sem esforços, em alguns meses, uma bagagem de conhecimentos valiosos, que lhe permitirá participar de reuniões, discorrendo corretamente sôbre os temas que forem focalizados, retratando uma vida intensa e culta.

PRESTÍGIO

E você sentirá crescer o seu prestígio, seja pela nova posição social, seja pelo acerto da sua conversação. Em sua própria casa (por correspondência) faça o curso da Divulgação Cultural Brasileira.

**SUA CULTURA
O CONDUZIRÁ**



AO CAMINHO DO SUCESSO

Peça hoje mesmo, sem compromisso, um folheto explicativo à Divulgação Cultural Brasileira, Caixa Postal 19087 - S. Paulo - Brasil ou mande o cupom abaixo :

Favor enviar o folheto "Método Prático de Desenvolvimento Cultural"

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____ EST. _____

BARBA DURA?

**SUPER
LÂMINA**
Johnson



Em aço eletronicamente temperado. Super-afiada. Faz mais barbas - e mais bem feitas - por lâmina. Por isso é também a mais econômica!

PELE SENSÍVEL?

**LÂMINA
FINA**
Johnson



Extra-flexível. Altamente afiada. Não irrita a pele, por mais sensível que esta seja. Transforma o barbear num prazer!

Lâminas garantidas por

Johnson & Johnson

O NOME QUE GARANTE QUALIDADE!

balhava em teatro. Mamãe nunca usara pintura em sua vida, não só porque sua tez clara era naturalmente rosada, mas também porque na época pintar o rosto era sinal de evidente vulgaridade. Apesar de nunca ter mudado de atitude em relação ao seu próprio modo de vestir e de se portar, mamãe não tardaria a mudar de opinião sobre seus colegas de trabalho. Ver tanta pintura e pó de arroz, e as modas extravagantes das atrizes, dava-lhe a impressão de ter enveredado por uma carreira indecente. Mas a irrestrita absorção dos atôres no trabalho que lhes cabia mudou rapidamente o seu ponto de vista. Percebeu que a gente de teatro era séria e esforçada, e que as cabeleiras, a pintura excessiva e as roupas extravagantes não passam de armaduras contra os perigos de uma profissão excepcionalmente arriscada.

Mr. Pickwick esteve em cartaz em Nova York durante três meses—o que correspondia naquele tempo a um extraordinário sucesso—e depois seguiu em *tournee*, levando contratos para mais nove meses. Isso criou para mamãe um dilema confrangedor. Ela precisava desesperadamente dessa experiência, se quisesse continuar no teatro. Mas como deixar-nos, a mim e Lucile? Seguindo um hábito que se tornava cada vez mais forte, discutiu o problema com Deus, dirigindo-se a Êle em têrmos da maior seriedade e intimidade.

—Meu Deus, estas crianças são Vossas filhas. Mostrai-me onde que-

reis que elas fiquem; o que quereis que eu faça.

Acabou nos internando numa escola particular, dirigida por duas senhoras idosas de alto trato. O tempo que lá passamos foi um período feliz para Lucile e para mim.

Quando terminou a *tournee* da companhia de operetas, mamãe voltou a Nova York e começou a procurar outro papel. Os empresários e produtores já se interessavam por ela, e dentro de pouco tempo ela foi convidada para o primeiro papel feminino de uma nova opereta da Broadway. Era uma oportunidade maravilhosa. Significava que mamãe teria sua primeira grande possibilidade de chegar ao estrelato e, melhor ainda, que nós três poderíamos estar novamente juntas. Os ensaios foram anunciados para a semana seguinte; e mamãe, cheia de entusiasmo e alegria, precipitou-se à procura de um apartamento.

Foi então que chegou o telegrama que bruscamente transformou nossas vidas, pelo menos por algum tempo. Era de vovô Davis: THEODORE MUITO MAL. PODE VIR? SEGUE CARTA.

Ir para a casa paterna naquela ocasião significava desistir de seu papel na nova opereta e renunciar ao seu ponto de apoio no teatro, conquistado com tanto esforço. Todos os seus companheiros de profissão foram contrários à viagem. Mas o jovem Theodore—"Dode", como o chamavam—era o único irmão de mamãe, muito mais chegado a ela do que a irmã. Se precisava dela na

INSUPERÁVEIS OS MODERNOS ELETRO-DOMÉSTICOS

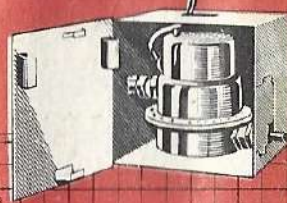
LORENZETTI



**Chuveiro
LORENZETTI**
O melhor. O legítimo.
De grande jato. 100%
automático. 110-220 V.



**Torneira
LORENZETTI**
Água quente ao abrir
a torneira. Cromada e
elegante. Econômica.



**Aquecedor
LORENZETTI**
Substitui o aqueci-
mento central com
grande economia.
Embutido ou não.
Aquece rapidamente.



**Superbomba
LORENZETTI**
Especial para poços
profundos até 50 m.
Toda blindada e ino-
xidável. Econômica e
garantida. 110-220 V.

Fabricados e
garantidos pela
maior fábrica de
material elétrico
da América do Sul.

**INDÚSTRIAS BRASILEIRAS
ELETROMETALÚRGICAS S. A.**

S. Paulo: Av. Pres. Wilson, 1290 - Cx. P. 2582 - Fones: 32-9271 - 32-
Rio de Janeiro: R. Ubaldo Amaral, 95 - Fone: 32-5766

Representantes em todas as capitais dos Estados. Consulte as listas telefônicas locais.

sua luta para viver, ela iria, custasse o que custasse.

Oskaloosa, em Kansas, onde vovô tinha então uma igreja, ficava perto de Kansas City. Quando chegamos encontramos tio Dode literalmente definhando em conseqüência de uma doença que parecia ser do fígado. Era um rapaz bem sucedido na vida, embora extravagante, e viajava muito, mas adoecera durante uma visita à família. Seu estado era agravado por uma certa tendência que êle tinha para beber demais.

A presença de mamãe produziu nêle um efeito extraordinário. No momento em que ela apareceu, seus olhos fundos se iluminaram, e dentro de pouco tempo êle começou a refazer-se. Em poucos dias estava fora de perigo, e três semanas depois começava a convalescer.

O Caminho de Volta

A VIAGEM a Oskaloosa consumira quase tôdas as economias de mamãe, não restando dinheiro nem para a volta a Nova York. Alugou o primeiro andar de uma casa velha em Kansas City, internou Lucile e a mim numa escola e começou a trabalhar como professôra de Música. Ganhava muito pouco, e cada dia exigia nova coragem.

Uma vez Dode apareceu inesperadamente no momento em que mamãe voltava para casa. Tinha ido dar uma aula particular. Tinha o rosto cinzento de frio, e tôda a sua aparência revelava tantas privações que Dode ficou chocado.



—Mary!—exclamou cheio de indignação—onde está seu casaco de inverno?

—Está no meu corpo—disse ela rindo e mostrando o paletó fino de seu costume cinzento.—Eu estou bem. Meu orgulho ajuda-me a esquecer.

O resultado foi que no dia seguinte o próprio Dode comprou um casaco de inverno para mamãe.

—E não se atreva a sair de casa sem êle!—berrou Dode.

Uma amiga de mamãe apresentou-a a duas irmãs que dirigiam um jardim da infância muito bem frequentado. As irmãs convidaram mamãe a tomar conta de uma classe de canto para crianças, em troca elas lhe ensinariam os métodos modernos usados nos jardins da infância. Ensinar 25 criancinhas a cantar era uma atividade inteiramente nova. Mamãe ficou encantada, e dentro de pouco tempo a aprendizagem e a prática adquirida iriam ser de grande valor para ela.

Mamãe nunca considerara Kansas City senão como uma estação intermediária no caminho de volta à sua carreira interrompida, e em maio de 1905 voltamos para o Leste. Mal nos instalamos, porém, a notícia da venda de uma propriedade da família em Dênver veio mudar os seus planos.

A parte de mamãe na venda seria de 1.200 dólares, e ela resolveu empregar o dinheiro num curso de canto na Europa. A aventura era menos temerária do que poderia pa-

recer hoje, pois o prestígio que decorria de estudos na Europa era enorme naquela época.

Porém, depois de feitos os planos, mamãe recebeu um telegrama dizendo que a venda fôra desfeita. Passou alguns dias a ponto de chorar. Afinal, depois de rezar muito, chegou a uma firme decisão. Se antes era conveniente ir para a Europa, a conveniência continuava a mesma. Se ela fizesse o que pudesse, Deus não lhe faltaria. Até então, como margem de segurança, conservara tôdas as suas jóias. Empenhou-as e aplicou o dinheiro em passagens. Três semanas depois estávamos a bordo do *La Gascogne*, a caminho da França.

Nove Meses em Paris

PELO fim da primeira semana já se tornara evidente que mamãe se arranjará em Paris. Concertos, um ou outro recital e compromissos para cantar em igrejas e reuniões sociais, sob o patrocínio da colônia americana, renderiam algum dinheiro. Além disso, havia o atelier de costura de Madame Poulin.

Mamãe gostava de costurar e era ótima costureira. Desde o momento em que nos mudamos para Kansas City, ela mesma se encarregara de fazer as roupas que Lucile e eu vestíamos. Madame Poulin cuidava de costura como atividade secundária, e quando descobriu o talento de mamãe, pediu o seu auxílio. Com isso mamãe passou a pagar tôdas as nossas despesas na pensão.

Mas foi a sua experiência de jardim da infância que veio a ter um valor infinito. Ela chegara munida de muitas cartas, uma delas para Madame Desereux, musicista americana que vivia em Paris havia anos. Seu passatempo era ensinar crianças e desejava fundar um jardim da infância, coisa que não existia na França naquela época. Quando falou nisso, mamãe exclamou:

—É uma coisa em que eu posso ajudá-la!

—Mas eu não sei se poderei pagá-lhe um salário—objetou Madame Desereux.

Nessa base um tanto fantasista, as duas instalaram um jardim da infância matutino. Só depois de algum tempo mamãe descobriu que à tarde sua nova amiga servia como primeira assistente e acompanhadora do grande professor de canto Jean de Reszke. A maioria dos alunos tinha aulas com de Reszke uma ou duas vezes por semana, a 125 francos por meia hora, depois estudavam diariamente com Madame Desereux.

—Você vem estudar comigo todos os dias, depois das aulas de de Reszke—sugeriu Madame Desereux a mamãe.—Eu lhe darei a mesma aula que êle der aos seus alunos. Tôda vez que você puder, vá a uma aula dêle. O meu trabalho será em troca do seu auxílio no jardim da infância. Que tal a idéia?

A idéia pareceu a mamãe providencial. Não havia uma pessoa com quem ela mais desejasse estudar do que de Reszke. Hermann Klein se

referira muitas vezes a êle e achava que o método dêle seria perfeito para a voz de mamãe.

Ela se entregou a um ciclo de trabalho e estudo que enchia todos os instantes de seus dias: jardim da infância de manhã, aulas e estudo à tarde, compromissos de canto (quando havia) à noite, e costura para Madame Poulin encaixada em qualquer intervalo, quando era possível. Desde o tempo em que estudara com Hermann Klein, nunca fôra tão feliz. Não tinha piano, mas isso não a desanimava. Metia-se no nosso quarto cavernoso e cantava suas escalas como se tivesse o apoio de uma orquestra inteira. Quando estudava suas canções, os artistas que moravam no sótão debruçavam-se nas suas janelinhas e gritavam para baixo: "*Bravo, madame, bravo! Encore!*" Isso sempre fazia mamãe rir.

—Pense 20 minutos, depois levante-se e cante dez—dizia de Reszke.

Ela se sentava a intervalos regulares e ouvia em imaginação os sons que desejava reproduzir. Um dia, estando eu ao seu lado, ela se voltou inesperadamente para mim e disse:

—Você é o instrumento e não a criadora de tom. Não se esqueça disso.

Logo em seguida ela mesma se esqueceu de mim e deixou-se novamente absorver pelo estudo.

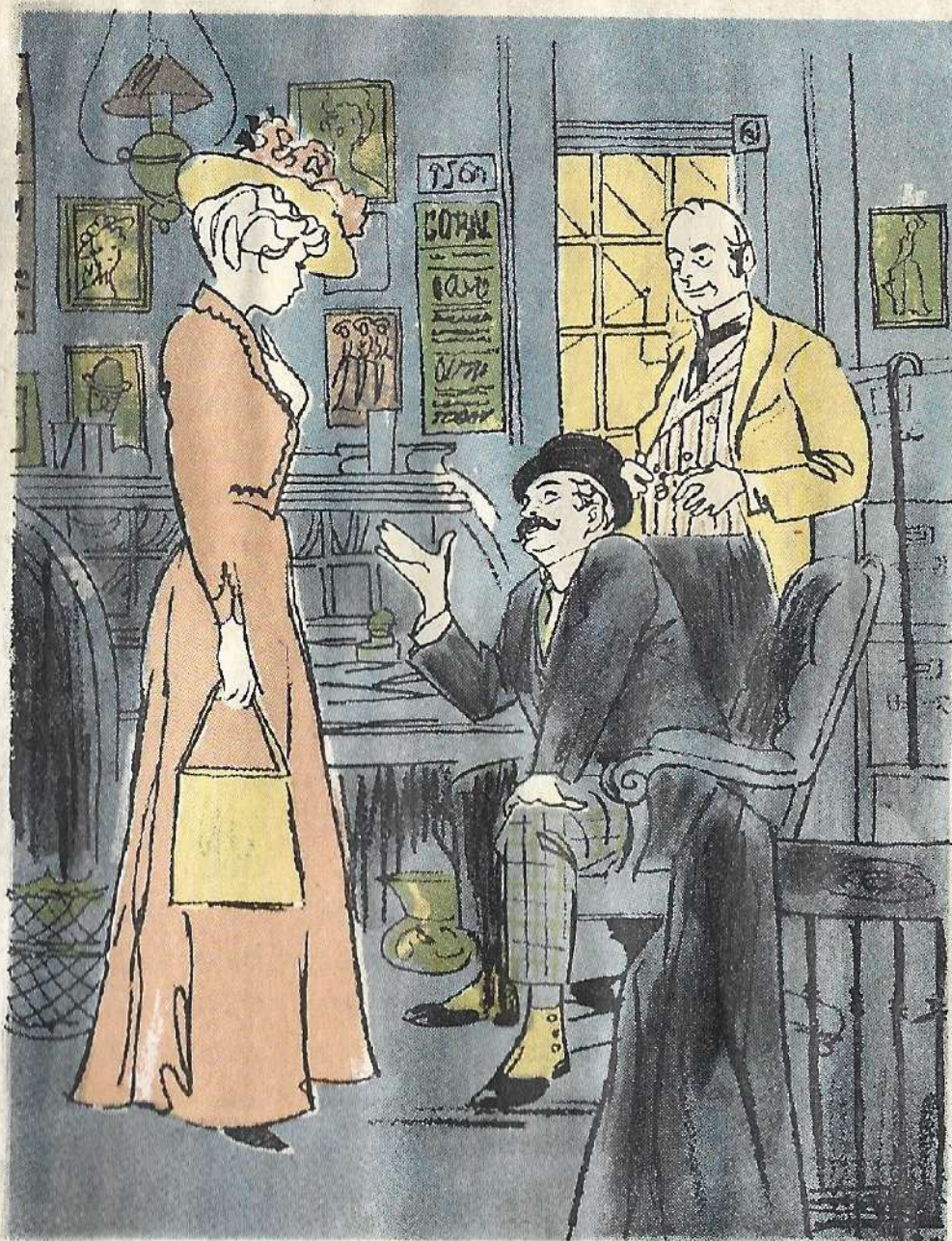
Passamos nove meses em Paris. Ao cabo dêsse tempo mamãe conseguiu o que fôra procurar: uma base sôbre a qual ela mesma poderia construir. Mas a data da partida foi na reali-

dade fixada pela aproximação do 12.º aniversário de Lucile. Vivendo praticamente do que ganhava, mãe não pudera fazer economia, e precisava reservar as passagens para Nova York antes que Lucile tivesse de pagar passagem inteira. Assim sendo, teve afinal de empenhar o seu amado relógio.

Volta ao Teatro

“CAMINHA para a vida e a vida caminhará contigo”, mãe dizia.

Durante os meses seguintes ela precisou, até à última gota, desta filosofia de confiança, pois a oportunidade áurea que poderia lançá-la na carreira de concertista não chegou, e os empresários de Nova York pareciam tomados de uma estranha má vontade de deixá-la voltar ao teatro. Mãe estava então com 36 anos—já tinha passado da idade para o primeiro papel de uma opereta ou comédia musicada, a não ser que contasse com muita experiência anterior, e as críticas de suas representações com DeWolf Hopper e outros, quatro ou cinco anos antes, eram



muito antigas para terem valor.

—Mas que é que a senhora estava fazendo o ano passado?—perguntavam os diretores, com alguma razão, olhando sem interêsse os recortes desbotados que ela apresentava.

Ela continuava isenta de qualquer das características da gente de teatro daquele tempo. Não usava pintura, vestia-se discretamente e evitava qualquer teatralidade na voz e nas maneiras. Não se sentia à vontade entre a fumaça dos charutos e os tapas nas costas que eram de praxe no

meio dos empresários, nem aceitava a desenvoltura e a intimidade dos atôres. Sentia-se constrangida com as liberdades e insinuações tentadas com ela. Mais tarde adquiriu um jeito devastador de repelir essas coisas.

Afinal sua perseverança foi recompensada. Ofereceram-lhe o segundo papel feminino numa companhia ambulante que representava uma peça intitulada *O Condenado e a Môça*. Isso criou novamente o problema do que fazer de Lucile e de mim. Mamãe não podia hesitar. Aceitou imediatamente o papel e durante as três semanas de ensaios em Nova York cuidou de procurar um lugar onde deixar-nos.

Acabou providenciando para morarmos com um casal idoso de nome Morse, que tinha um apartamento em Washington Square. Os Morse prometeram tomar conta de nós e despachar-nos diariamente para a escola. Mas quando chegou o momento, a despedida foi inesperadamente difícil—tínhamos passado muito tempo juntas—e Lucile e eu desatamos a chorar.

—Que é isso? A coisa não é tão grave assim—observou mamãe em tom de brincadeira, embora seus olhos estivessem cheios de lágrimas. —Sorriam, vamos! Eu escreverei para as duas todos os dias.

Na ocasião a promessa parecia temerária, porém ela a cumpriu durante os 12 anos seguintes, cada vez que estêve fora, sem nunca deixar de cumpri-la um só dia.

Conselho dos Gordon

A TOURNÉE de *O Condenado e a Môça* começou em Toronto, mas mamãe mandou a cada uma de nós cartões-postais de Syracuse, Estado de Nova York, onde houve uma parada. “Penso em você a tôda hora, gosto muito da minha mocinha”, escreveu ela a Lucile. E havia um cartão para mim também: “Estude muito na escola. Espero que o inglês vá melhor.” Era uma referência provocante ao hábito que eu pegara em Paris de pensar em francês, precisando traduzir mentalmente antes de falar em inglês.

“Mandarei mais dinheiro amanhã”, escreveu de Ottawa para Lucile, que aos 13 anos já era a nossa banqueira. “Reze sempre. Carinhos da mamãe.” Como a sua companhia representava ora numa cidade ora em outra, mamãe às vêzes escrevia-nos cartas longas de lugares diferentes, mas havia sempre os postais diários, onde punha mensagens como estas: “Vocês não podem recuar do que se comprometem a fazer. Se aceitaram o convite, agora têm de ir.” “Espero que você tenha gostado do vestido listrado que fiz. Eu o achei lindo.” “Estou precisando de um casaco nôvo, mas só vou fazê-lo depois que acabar o seu. É de um tom castanho lindo.”

Ela continuava a fazer tôda a nossa roupa—no camarim, entre os ensaios, no quarto de hotel, antes e depois do teatro, no trem.

O Condenado e a Môça fêz grande

sucesso na *tournee*; mas na primavera, quando mamãe teve oportunidade de entrar para uma companhia estável em Lynn, Massachusetts, não hesitou. Rendia menos, mas representar na mesma cidade semanas a fio significava que podíamos estar juntas outra vez.

“Arrumem tudo nas malas com muito cuidado”, escreveu ela radiante. “Peçam à Sr. Morse que as ponha no navio que toca em Fall River. Depois tomem o trem que tem horário conjugado com êsse navio e venham para Bóston. Eu estarei à espera na estação.”

Numa companhia estável havia

sempre três peças em andamento: uma a ser aprendida para daí a 15 dias, uma em ensaios para a semana seguinte e outra em cena seis noites com duas matinês por semana. A sobrecarga no talento e energia dos atôres era extraordinária. Naquela primavera de 1908, na Companhia George Mackey, no Teatro de Lynn, mamãe representou vários papéis de solteirona, de uma jovem índia, de uma mulher mundana e de um rapaz de 20 anos. Além disso, cantava durante o primeiro intervalo, dando “distinção” ao espetáculo.

Dentro de um mês tinha o seu círculo de fãs. Tôdas as noites, quando aparecia no palco pela primeira vez, era recebida com uma tremenda explosão de aplausos. Isso era motivo de grande satisfação, mas era também uma roda girando sempre no mesmo lugar, sem levar a parte alguma, e o salário de 35 dólares por semana mal chegava para nos sustentar às três.

Seus amigos mais chegados na companhia eram Louise e Robert Gordon, artistas característicos. Os



Gordon tinham passado a vida inteira no teatro. Instruíam mamãe sobre seus diversos papéis, ensinavam-lhe a arte das transformações rápidas e orgulhavam-se muito de sua rápida ascensão à popularidade.

Numa noite de sábado, depois da representação, os três conversavam no camarim de mamãe, quando foram distribuídos os envelopes do pagamento. Mamãe fôra tumultuosamente aplaudida naquela noite, sendo chamada várias vezes à cena, e os 35 dólares lhe pareceram ainda mais minguados do que de costume. Não pôde reprimir um suspiro de desgosto, e Bob Gordon notou o seu desânimo.

—Mary—disse êle—por que você não entra para o teatro de variedades? Com duas crianças para educar, você precisa de dinheiro.

Mamãe ficou chocada com a idéia, mas Gordon continuou:

—É lá que se arranja dinheiro. E o teatro de variedades mudou muito. Já não é desmoralizado como antigamente.

—Até gente consagrada como Sarah Bernhardt e Ethel Barrymore aceita contratos de variedades quando precisa de mais dinheiro—acrescentou Louise.

Bob usou do argumento decisivo:

—No teatro de variedades você pode arranjar contratos onde queira, perto de suas filhas.

No fim, mamãe concordou em experimentar. Seduzida pela possibilidade de aumentar nossa renda, iria tentar mais essa aventura.

“Que Tens na Tua Casa?”

PARA vencer no teatro de variedades ela sabia que precisava criar uma personalidade teatral. Passou a frequentar espetáculos de variedades sempre que podia, estudando o estilo dos atôres. Até então ela nunca dera importância aos atôres cômicos e aos acrobatas, aos grupos de cantores e aos solistas daquele meio estranho, mas a sua indiferença se transformou em admiração. Ficou sabendo que a arte dêles era difícil e altamente aperfeiçoada, exigia um agudo senso de oportunidade.

Em 1.º de julho mamãe deu o salto; deixou a companhia e representou durante o resto do verão para platéias repletas em parques de diversões. Em meados de setembro, quando os parques fecharam, ela havia adquirido bastante experiência para obter contratos de quatro semanas numa cadeia de teatros da Nova Inglaterra. Afinal o magnata das variedades, B. F. Keith, ouviu falar dela e mandou chamá-la.

Pediu-lhe que cantasse para êle no seu teatro, que parecia um grande barracão, imaginando talvez que a voz dela se perdesse ali. Com grande espanto seu, a voz de mamãe sou forte e encheu o teatro até ao teto.

Depois de ouvir três canções, Keith aproximou-se da ribalta e perguntou:

—Onde foi que você arranjou essa voz?

—É dom de Deus—respondeu mamãe rindo.—O senhor gostou?

Ele gostara. Mas gostara também de seu talhe esbelto e de sua elegância impecável, extremamente confortador no mundo das variedades, cheio de cantoras e comediantes loucas, demasiado exuberantes.

Pedi uma canção cômica. Mãe cantou uma, metade em recitativo.

—Muito bem—disse Keith.—Organize um número. Ponha bastante graça, sem pornografia, e pode contar com um contrato. Arranje um bom escritor. Você vai precisar.

E saiu a passos largos.

Mãe andou indagando de um e de outro sobre as possibilidades de arranjar um “bom escritor” de *sketches* teatrais. Soube horrorizada que o número mais barato que poderia comprar custava 500 dólares, e os melhores custariam o dobro ou o triplo. A variação dos preços não fazia diferença, já que até os mais baratos estavam muito longe de seu alcance.

Lucile e eu vivíamos em Bóston, hospedadas na casa de uma viúva idosa e sua filha. Naquela noite mãe dormiu em nosso quarto. Ao anoitecer, sentou-se junto da janela, com as mãos cruzadas no colo, pedindo orientação a Deus.

—Meu Deus, a coisa está me parecendo urgente. Mostrei-me o que quereis que eu faça.

Fechou os olhos, numa oração silenciosa. E enquanto esperava, nessa atitude de escuta, passou-lhe pela cabeça a frase bíblica do profeta Elias: “Que tens tu na tua casa?” Nessas palavras, mãe estava convencida

de que recebera a solução. “Naturalmente”, disse ela alto. Confiaria nos seus próprios recursos.

Quando mãe disse aos Gordon que resolvera escrever seu número, eles responderam que ela estava louca. Não havia cantor que escrevesse o seu número.

—Pois eu sou capaz de escrever o meu—afirmou mãe.—Sei que sou capaz . . . com um pouquinho de auxílio.

Não lhes disse de onde vinha o auxílio, mas não havia dúvida no seu espírito. Não era o momento de duvidar da Orientação Divina.

Ela não tinha a menor idéia de como começar um *sketch*; mas, com uma folha de papel, um lápis e uma Bíblia ao lado para arranjar inspiração, pôs-se a trabalhar. O papel ficou em branco durante algum tempo. Pegou a Bíblia e leu o Salmo 23. Não lhe valeu de nada.

Levantou-se agitada, andou de um lado para outro, folheou distraidamente um monte de velhas canções. Ao fazê-lo, caiu do meio dos papéis uma fotografia de propaganda da opereta *Mr. Pickwick*, apresentando-a no papel de professora. Olhou para a solteirona, achando graça em si mesma, lembrando-se de que a sua caracterização se baseara na vida real.

Na paróquia de vovô em Dênver mãe observara certas conversas de portão de quintal—entre mulheres afetadas, frustradas, de virtude agressiva e língua venenosa, que se especializavam em destruir reputações. Casadas ou solteiras, o seu pra-

espetada, que balançava de um lado para outro enquanto ela falava.

No último número mamãe deixava de lado tôdas as caracterizações, aparecia simplesmente como era, e cantava uma canção "da qual pudessem tirar alguma coisa". A mudança era tão brusca, o timbre de voz era tão evidentemente o de uma cantora experimentada, que muita gente aplaudia por mera admiração da extraordinária mudança de ritmo e personalidade.

Do princípio ao fim o número era um solo invulgar, de classe excepcional. Quando Keith o viu, deu imediatamente um contrato a mamãe.

O Teatro de Variedades

O TEATRO de variedades ficava muito longe do tipo de canto que Hermann Klein profetizara para ela, mas tinha suas compensações. Permittia-lhe sustentar e educar as filhas, dava-lhe uma aceitação cada vez maior no meio dos agentes teatrais e empresários, e proporcionava-lhe platéias que reagiam calorosamente ao seu canto e não a deixavam mais parar.

Quando Harry Lauder participou de um programa com ela, mamãe descobriu que o famoso cantor escocês encarava o seu trabalho da mesma forma.

—Você acertou em cheio, Mary— disse êle.—Se o público sente honestidade, ouve até ao fim. A honestidade que há no mundo não dá para as pessoas se acostumarem com ela.

Mamãe passava conosco todo o

tempo que lhe deixavam os seus contratos, e continuava escrevendo para nós todos os dias.

Na primavera, onde estivesse nas suas perambulações, tomava sempre um bonde para o campo de manhã cedo, deixando para trás a monotonia e a tensão do teatro. Escrevia-nos muitas vêzes sôbre essas excursões. "Nos campos por onde andei hoje as tulipas estavam uma beleza", dizia uma carta. "Com o sol batendo nas flôres, eu tive a impressão de estar andando no céu." A propósito de outra excursão: "Trouxe uma braçada de lilases para o hotel. Gostaria de mandá-los para vocês. Quando os colhi, estavam ainda cobertos do orvalho da manhã. Não esqueçam de sair e sentir o perfume das árvores e da terra. São duas coisas muito importantes."

Mamãe Vem Para Casa de Vez

TALVEZ fôsse o apartamento que primeiro levou mamãe a pensar em deixar o palco. Naquela altura de nossa vida, Lucile e eu tínhamos passado a maior parte do tempo entregues aos cuidados de outras pessoas e ansiávamos por uma casa nossa, onde pudéssemos estar as três juntas, sôzinhas, durante as visitas de mamãe. No verão de 1912, entusiasmádisimas, mostramos-lhe um apartamento que tínhamos descoberto e pedimos-lhe que o alugasse para nós.

Mamãe ficou horrorizada com a idéia, mas nós fomos dando respostas às suas objeções, uma por uma. O apartamento era pegado ao de Mar-

jorie Harris e sua mãe. Marjorie era a minha melhor amiga, e a Sr.^a Harris poderia prestar-nos assistência e dar-nos conselhos úteis. A Sr.^a Harris tinha móveis guardados e podia emprestá-los para mobiliarmos o apartamento. Pouparíamos dinheiro preparando nós mesmas muitas de nossas refeições e, sobretudo, prometíamos comportar-nos maravilhosamente.

Foi preciso uma semana inteira de explicações, estudos, consultas, orações. Mas a decisão foi tomada, e tivemos uma casa nossa. Com 17 anos e meio Lucile tornou-se chefe da família—a título de experiência.

Lucile estava no último ano da Escola de Latim Para Meninas, onde era aluna brilhante. Eu era segunda-nista. Mamãe tinha ainda dúvidas sobre a conveniência de deixar-nos por conta própria, e partiu com grande relutância. Talvez ela compreendesse que o liame dos cartões-postais passaria a ser muito frágil para os nossos problemas crescentes.

Não sei quando, durante o ano seguinte, mamãe tomou a sua decisão: abandonaria o teatro de variedades e o canto, únicas habilidades de que dispunha para ganhar dinheiro, e arranjaría emprêgo em Bóston, para poder estar conosco todos os dias. O ano fôra excepcionalmente próspero para ela. Chegava a ganhar 300 dólares por semana, embora as passagens, as semanas incompletas e os contratos cancelados reduzissem muito essa importância. Mas o ponto crucial era sua idade. Ela estava com quase 45 anos, o que significava que

os anos áureos para ganhar dinheiro já pertenciam ao passado; ela vira quanto era difícil para as estrêlas de variedades conservarem o prestígio.

Lucile fêz os exames de admissão à Faculdade de Radcliffe e passou com distinção. Mas mamãe não tinha dinheiro para a matrícula e Lucile tremia entre os dois mundos da fé e do medo. Tôdas as suas amigas iam para Radcliffe, e ela nunca desejara tanto uma coisa. Quanto a mamãe, embora tivesse de mudar seu plano de ação, conservava sua fé inabalável. Convinha que Lucile fôsse para a universidade . . . portanto, o que fôsse preciso para isso haveria de vir.

No dia da matrícula mamãe meteu-se no seu melhor vestido e lá se foi, de chapéu e luvas, procurar o diretor da Faculdade de Radcliffe, Le Baron Russell Briggs, no seu gabinete, levando uma caixinha na mão. Quando acabou de falar, o diretor olhou-a fixamente por alguns instantes, com um espanto silencioso. E afinal perguntou:

—Terei compreendido bem, Sr.^a Coburn? A senhora diz que quer deixar um relógio como garantia dos estudos de sua filha?

—Para a primeira metade—disse mamãe com naturalidade.

Entregou o relógio de ouro e brilhantes (há muito resgatado da casa de penhores de Paris e depois empenhado meia dúzia de vêzes em outras emergências).

—O senhor poderia mandar avaliá-lo?

—Não, não. É que . . .

O pobre homem não sabia o que dizer. Não havia precedentes para a situação.

—Meu marido deu-me êste relógio no nosso quinto aniversário de casamento—explicou mamãe.—Depois, só tivemos mais um aniversário juntos.

O Dr. Briggs olhou fixamente o relógio, depois sorriu para ela:

—Não há avaliação correta para objetos de estimação. Guardarei êste relógio no cofre do colégio, até que a senhora o procure. E agora vou dar-lhe um recibo de matrícula de sua filha. E quero acrescentar que nos orgulhamos de recebê-la. Esta escola precisa de jovens assim.

Um Nôvo Desafio

NAQUELA mesma tarde mamãe foi a uma editôra de Bóston candidatar-se a um emprêgo. A idéia partira de William McCracken, um velho amigo de Nova York. No comêço a idéia pareceu-lhe absurda, e ela argumentou que nada tinha para oferecer. McCracken contra-argumentou que ela tinha inteligência e disposição para o trabalho. Na editôra parece que foram da mesma opinião, pois uma semana depois do pedido mamãe recebeu aviso de que havia um emprêgo à sua disposição. Era na seção de estêncil e rendia 12 dólares por semana!

A princípio ela achou o trabalho penoso, e não apenas financeiramente. O horário da manhã, tão diferente do horário do teatro (o trabalho começava às oito horas), a rotina e a

monotonia, tudo era enervante para ela. Além do mais, o silêncio e o ar geral de solenidade davam-lhe vontade de prorromper a cantar ou a rir —o que, aliás, de vez em quando fazia, para consternação de todo o mundo.

—Desculpem—dizia ela—mas de vez em quando tenho de respirar.

Parecia escapar-lhe o fato de que a etiquêta era um ideal entre os bostonianos, e tanto os chefes como os companheiros de trabalho acabaram aceitando a naturalidade e a sinceridade de mamãe como sendo “o jeito dela”, embora isso fizesse ainda muita gente abanar a cabeça. “Se ela não fôsse tão boa funcionária . . .”

Era, porém, impossível a mamãe fazer alguma coisa de má vontade; ela precisava pôr a alma e o coração em tudo o que fazia. Dentro de pouco tempo, com espanto geral, os chefes da editôra descobriram que, além de ser um demônio no trabalho, rápida no pensamento e na ação, ela era também cheia de idéias para poupar tempo. “Se houver um meio mais simples de fazer alguma coisa, eu o descobrirei, por simples preguiça”, dizia ela. “Para que fazer movimentos desnecessários?” Pouco a pouco foram deixando que ela adotasse novos métodos de trabalho; começou a chefiar uma seção pequena, depois outra maior. Quando eu entrei para a universidade, dois anos depois, ela era uma diretora bem remunerada.

Continuaria naquele ramo, satisfeita e produtiva, durante os próxi-

mos 15 anos de sua vida. Mas o seu maior triunfo foi em 1919, quando eu me formei na universidade—acontecimento que significava que ela conseguira educar as duas filhas.

“QUE TAL ter uma mãe assim?”—muita gente me tem perguntado.

Bem, significou que Lucile e eu tivemos uma infância cheia de altos e baixos, exigindo muito de crianças da nossa idade. Mas muito nos foi dado também. Nós adorávamos mamãe e ficávamos sempre com o coração transbordante de felicidade quando ela podia estar conosco. Quando não podia, ainda assim tínhamos o apoio confortador de seu amor.

O maior bem que ela nos deu foi confiança no amor de Deus e no Seu infalível cuidado conosco. Sua fé era inabalável; sua confiança na oração,

absoluta. Ela sempre procurava a Orientação Divina. Desde que tivesse decidido o que era direito fazer, nunca se esquivava de fazê-lo, por mais difícil que parecesse. Se era direito, podia ser feito; sua convicção era tão forte que nem nos passava pela mente duvidar disso.

Quando estudei *Hamlet* na universidade senti um choque de quem reconhece alguma coisa ao deparar com êstes versos de Shakespeare:

Isto acima de tudo: sê fiel a
ti mesmo,
E tão naturalmente como à
noite se segue o dia,
Não poderás ser falso para
ninguém.

Compreendi então que, melhor do que qualquer pessoa minha conhecida, êstes versos poderiam ter sido escritos para descrever mamãe.



SELEÇÕES do Reader's Digest

Publicada mensalmente pela Editôra Ypiranga S. A.—Av. Pres. Vargas, 62, 7.º and., Rio de Janeiro, Brasil

Diretor-Presidente: Herbert Moses

Diretor-Secretário: Tito Leite — *Diretor-Consultivo:* Dr. Lauriston Job Lane, Jr.

Redator-Chefe: Tito Leite — *Redatores:* João Távora, J. Veiga e Ismênia Dantas

Diretor de Publicidade: Saulo Guimarães

Copyright © 1962 da Editôra Ypiranga S. A. Publicação autorizada por The Reader's Digest Association, Inc. Proibida a reprodução de qualquer maneira, no todo ou em parte, em português ou outras línguas. Direitos reservados em todo o mundo. Efetuadas as formalidades necessárias, inclusive depósito quando requerido. Proteção garantida pelas Convenções Internacional (de Berna) e Pan-Americana de Direitos Autorais.

Impressa pela Companhia Lithographica Ypiranga

Filiada ao Instituto Verificador de Circulação

